

## ESTÁGIO OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO: UMA VISÃO RELACIONADA A MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS

RAQUEL LUCQUES DOS SANTOS<sup>1</sup>; JÉSSICA BLANK LOPES<sup>2</sup>; THAÍS RUAS VIEGAS<sup>2</sup>; GABRIELA MANZKE<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus CaVG – raquellucquesdossantos@gmail.com

<sup>2</sup> Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus CaVG – blanklopesjess@gmail.com

<sup>2</sup> Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus CaVG – thaisruasviegas@gmail.com

<sup>3</sup> Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus CaVG – manzkegabriela@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal Sul rio-grandense entende o Estágio Obrigatório Supervisionado (EOS) como uma etapa fundamental na formação de professores. Esta disciplina é constituída pelas seguintes etapas: observação da ação docente, análise da escola campo estagio, a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP), a regência de classe e a elaboração do relatório final. Antes dos licenciandos atuarem como professores regentes é indispensável o cumprimento do período de observação da ação docente na turma em que irá estagiar.

TARDIFF (2002) considera que a etapa mais importante da vida acadêmica dos alunos de licenciatura é o estágio supervisionado, pois prepara o discente de forma prática para vivenciar aquilo que é estudado teoricamente ao longo de sua graduação e também proporcionam a ter um entendimento da dinâmica da sala de aula.

Por meio da pesquisa e da investigação o estágio abre possibilidades para o futuro professor compreender as diferentes situações que são vivenciadas e observadas nas escolas e seus respectivos sistemas de ensino, formando dessa maneira professores críticos e reflexivos (PIMENTA; LIMA, 2004).

Para WEISSMANN (1998), o professor tem um papel pedagógico muito importante para a alfabetização científica, pois, o aluno vai desconstruindo essa linguagem gerando uma conexão com aquilo que foi aprendido, passando a utilizá-la no seu dia-a-dia.

A não conexão do conhecimento científico resulta na falta de motivação dos estudantes pois os alunos não aprendem porque não estão motivados, gerando um ciclo ininterrupto, pois a falta de motivação é resultado da falta de aprendizado (POZO; CRESPO, 2009).

Segundo MORAES; VARELA

Parte-se do pressuposto de que a desmotivação interfere negativamente no processo de ensino-aprendizagem, e entre as causas da falta de motivação, o planejamento e o desenvolvimento das aulas realizadas pelo professor são fatores determinantes (MORAES e VARELA, 2017, p. 2).

Elaborar uma aula motivadora, com metodologias diferenciadas e uso de recursos adequados, podem aumentar a possibilidade de assimilação do conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem (CARVALHO et al., 2006).

Para AGUIAR (2015), o fracasso escolar, bem como, a reprovação, pode estar vinculada a questões sociais, à autoestima do aluno, a sua capacidade de aprender, de acreditar e se sentir capaz de adquirir um conhecimento bem como que os professores explorem e envolvam seus alunos em situações-problema, estudos de casos, projetos de investigação, atividades de pesquisa e que haja a

utilização de outras modalidades didáticas tais como ferramentas computacionais, práticas em laboratórios e também atividades externas. (KRASILCHIK, 2004).

Esse trabalho evidencia o relato de experiência de docente em formação durante a realização de seu EOS, em uma escola Municipal na cidade de Pelotas, atuando em uma turma de 6º ano. Notou-se ao chegar na escola, críticas em relação a turma, de modo a rotulá-la com afirmativas como: “a turma dos repetentes” e, também, “a turma dos frenéticos e intensos que não fazem nada”.

Estas percepções foram relatadas pelo corpo docente da escola, bem como, a equipe diretiva.

Com base nestas afirmativas, buscou-se alternativas através de atividades diferenciadas que não se faziam presentes durante as aulas de ciências desses alunos com o objetivo de tentar motiva-los e de alguma forma despertar o interesse dos mesmos com a disciplina.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a realização deste trabalho foi a observação não participativa (Etapa 01) e a observação participativa (Etapa 2) sendo a etapa 01 durante a observação da ação docente da estagiária em formação e a etapa 02 como regente de classe, sendo estas pautadas em uma abordagem qualitativa. Logo, este trabalho traçou um paralelo entre a observação da ação docente e a regência de classe da estagiária.

Assim que foi assumida a regência desta turma pela estagiária, ficou acordado com os alunos que seriam levadas algumas atividades diversificadas no decorrer das aulas, incluindo a participação dos mesmos na feira de ciências da escola. Durante estas aulas, que tiveram a duração de três meses, os alunos foram levados ao laboratório de informática para realizarem atividades de pesquisas, foi realizada uma atividade de observação microbiológica pelos espaços da escola, sendo esta relacionada com o conteúdo de fungos e bactérias. E ainda, foi proposto aos alunos, a atividade de germinação do feijão, relacionando com a fotossíntese das plantas.



Figura 1. Atividade de pesquisa.



Figura 2. Atividade do Feijão



Figura 3. Atividade de Microbiologia



Figura 4. Criação de cartazes para a feira de ciências.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de realização da Etapa 01, observou-se que a metodologia utilizada pela professora regente foi baseada apenas na exposição do conteúdo no quadro, onde a mesma não considerou e tampouco interagiu com os alunos. Ainda foi notória a falta de interesse por parte dos alunos durante as aulas da professora titular.

Os alunos mostravam-se inquietos com conversas paralelas e não correspondiam á professora quando a mesma fazia a explicação do conteúdo haja visto que a professora interagia pouco com os mesmos e também as atitudes de superiores dentro da escola quando se referiam a estes alunos por serem repetentes.

A falta de interesse dos alunos se torna preocupante, principalmente quando ocorre nos primeiros contatos com a Ciência, no Ensino Fundamental. Este é um momento determinante para fundamentar a construção de uma visão científica, com sua forma de entender e explicar fatos e fenômenos da natureza e suas implicações.

Durante a Etapa 02, foi perceptível o interesse e a participação dos alunos em desenvolverem as atividades estabelecidas pela estagiária. Uma turma que era conhecida pela escola por ser pouco interativa, acabou surpreendendo a equipe diretiva da escola por realizarem todas as atividades com tanta impecabilidade e dedicação.

### 4. CONCLUSÕES

Comparando os dois momentos de observação, notamos um envolvimento maior dos alunos quando dispõe a eles atividades que fogem das suas rotinas escolares e quando estas são relacionadas aos seus cotidianos. Da mesma forma, percebemos o quão importante é mostrar a estes alunos a capacidade que eles têm de superar estas frustrações, como a repetência.

Acredita-se também que é interessante os professores adotarem metodologias que sejam atrativas e desperte o interesse dos alunos ao mesmo tempo em que proporciona sua aprendizagem.

Por fim, estas vivências da “escola real”, fizeram com que a licencianda pudesse repensar sobre suas ações onde a mesma se dispôs de alternativas e estratégias para trabalhar com a turma, atingindo o seu objetivo inicial que era despertar o interesse e a motivação dos alunos com a disciplina. A observação da estagiária possibilitou a reflexão sobre como resignificar aquele rótulo que foi

imposto pela escola em relação a turma, da mesma forma que a regência está permitindo vivenciar tal ressignificação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M. M. M. **Fracasso Escolar no Ensino Médio: as explicações dos professores, gestores e alunos**. 2015. 154. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

CARVALHO, Vilma Fernandes et al. **Atividades práticas de biologia desenvolvidas em sala de aula da EJA**. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 2.; JORNADA DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFSC, 3., Florianópolis, 2006. Anais... Florianópolis, p. 2-8. mar. 2006.

KRASILCHIK, Myriam. **O professor e o currículo de ciências**. São Paulo: EDUSP, 2004.

MORAES, Carolina; VARELA, Simone. **Motivação do aluno durante o processo de ensino aprendizagem**. Disponível em: [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao/Artigo\\_06.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf). Acesso em: 03. Agosto. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A aprendizagem e o ensino de ciências: Do Conhecimento Cotidiano ao Conhecimento Científico**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WEISSMANN, H. **Didática das ciências naturais**. Porto Alegre: Artmed, 1998